



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Conhecimento, Ciência e Tecnologia – Comunicação dentro de: “TIC e Redes Sociais”

A MEMÓRIA DOS MORTOS NA ERA DIGITAL: QUANDO OS MORTOS SE ENCONTRAM À DISTÂNCIA DE UM CLIQUE

Mendes, Ana Celeste

Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

CIES/ISCTE

anaceleste.mendes@gmail.com

Resumo

A morte, ou mais precisamente, a consciência da morte, constitui fundamento essencial para o fundamento da vida. Se o homem não tivesse consciência da morte, se não concebesse a ideia da sua finitude, a vida (e logo a vida social também), perderiam muito do seu significado. Surgindo como forma do homem alcançar e atribuir alguma ordem e sentido à força caótica da natureza, a cultura humana toma, no que se refere às atitudes face à morte e à memória dos mortos, um forma especial. É na certeza da sua morte física que o homem desenvolve as mais diversas formas culturais, simbólicas e materiais, que procuram impedir que um dia, sendo morto, os ainda vivos se esqueçam dele. É através da memória que o homem mantém presentes aqueles que já morreram, dando forma à concepção contempânea de humanidade, que contemplava não só aqueles que estão vivos como aqueles que já morreram e todos os que hão-de vir. Mas à semelhança do que acontece nas restantes esferas sociais, os regimes de memória vão sendo alterados. Numa longa história que se materializou em obeliscos, pilares, pirâmides, monumentos, túmulos, estátuas, jazigos, capelas, nos quais os seres humanos também quiseram geralmente inscrever palavras, informações e mensagens, e que o mundo moderno acrescentou técnicas de comunicação como os jornais, notícias e anúncios, assiste-se agora a uma outra sequência estimulada pelas novas tecnologias da informação. Estas têm feito irromper novos rituais, formas cerimoniais, códigos de rememoração e inclusivamente modalidades de reunião dos mortos no mundo dos vivos através do manto da “tele-presença” e de um impedimento aparente do corte da comunicação. No mundo virtual, através das redes sociais, memoriais on-line, blogs e cemitérios virtuais, os novos suportes de memória suscitam questões variadas, uma vez que permitem, como nenhum outro, a perpetuação da ilusão da presença daquele que já morreu. Através de dispositivos de imagem, movimento e som, através da manutenção e dinamização das suas páginas no facebook, o encontro com os mortos faz-se, já não por meio da tradicional visita aos cemitérios (muitos dos corpos são hoje cremados e as cinzas volatilizadas), mas no espaço virtual, através do écran do computador.

Abstract

Technical and social changes in the contemporary world have contributed to the appearance of new ways to remember and pay tribute to the dead. The observation of on line memorials and social networks such as Facebook reveal a new technological subjectification, consequent of the imperative of memory and the perpetuation of the dead's image. By uploading images, movies and messages, by the expression of lost and grief or by preserving the profiles of dead users, Facebook users contribute to the reconfiguration of the dead memory through their use of the cyberspace.

The increasing of cremations, the volatilisation of ashes and the removal of the individual from the ceremonial rituals of the past (including the visits to the cemetery), contribute to such a change. If the dead from the past were territorialized in the sacred spaces of cemeteries, today's dead are disseminated, without mysticism or territory, in the cyberspace. The rupture imposed by the physical disappearance of the dead is, in this way, opposed by its presence in the cyber space. At Facebook, the forms of memory often allow the gathering of the living with the dead ones. If, in the past, the compliance with grief rituals meant having to go to to the cemetery, conducting to a bigger confrontation with death, our days it is enough to switch on the computer and, protected by existing distance between the cyberspace and the physical experience of phenomena, to let the dead in.

Palavras-chave: Memória, Morte, Ciberespaço, Facebook
Keywords: Memory, Dead, Cyberspace, Facebook

1. O Homem face à sua condição mortal. A morte enquanto fenómeno cultural

A morte, ou mais precisamente, a consciência da morte, constitui fundamento essencial para o fundamento da vida. Se o homem não tivesse consciência da morte, se não concebesse a ideia da sua finitude, a vida (e logo a vida social), perderiam muito do seu significado. Surgindo como forma do homem alcançar e atribuir alguma ordem e sentido à força caótica que a natureza parece lançar sobre o homem, a cultura humana toma, no que se refere ao processo da morte e à vivência da perda, uma forma especial. As especificidades que o fenómeno da morte encerra, a densidade que comporta, concorrem para que a natureza e a cultura manifestem aqui os seus aspectos fundamentais. A morte revela-se assim um tema dotado de interesse particular, quer pelo modo como matiza a vida, quer pelo carácter definitivo que a consciência da sua inevitabilidade joga na definição dos seres humanos. É o facto de sermos mortais que nos impele a fazer escolhas e a produzir uma cultura específica.

No Homem, o desenvolvimento da consciência de si dá-se a par da integração da ideia da morte e da percepção da própria mortalidade. Ideia irrepresentável pela componente aniquiladora das estruturas do “self” que comporta, a morte constitui a ideia em torno da qual o homem se constrói enquanto homem e a humanidade se reconhece a si própria enquanto humanidade. Aquilo que distingue radicalmente o ser humano dos outros seres funda-se na consciência do Homem relativamente à sua própria finitude. A certeza da morte do “eu”, da aniquilação do “eu”, constitui não só a “angústia transcendental” que acompanha o Homem no seu percurso de vida, como se torna na ideia que enforma todas as outras. Constituindo o pilar da consciência e da acção do sujeito, a morte não encerra apenas a componente trágica da impossibilidade e da irrealização, como matiza a dimensão e os conteúdos da própria vida.

Contemporaneamente pensada enquanto fenómeno que se manifesta uma e irremediável vez, a morte é hoje tendencialmente perspectivada, do ponto de vista biológico, enquanto fenómeno que permite a renovação celular e a perpetuação da espécie. A modernidade dessocializou a morte, atribuindo-a às leis bio-antropológicas, concedendo-lhe a imunidade da ciência, autonomizando-a como fatalidade individual. A materialidade física da morte, que nos paralisa devido ao crédito objectivo que lhe concedemos, é pois absolutamente contrária à concepção dos primitivos, que nunca a naturalizaram. Os primitivos sabem que a morte, enquanto acontecimento natural, é uma relação social, que a sua definição é social. A nossa dimensão idealista converge para a ilusão de uma materialidade biológica: discurso da “realidade” que é, de facto, o do imaginário, e que os primitivos ultrapassam na intervenção do simbólico (Baudrillard, 1976:20).

Do ponto de vista social e moral a morte pode ser percebida como o fenómeno que enforma a vida, uma vez que o imperativo de finitude que subjaz à vida do homem o impele a fazer escolhas e a estruturar a sua acção. É por ser finito que o homem tem de escolher e é por ser intrinsecamente social que estas escolhas reflectem não só a possibilidade do seu livre arbítrio como também o constrangimento da ordem que o envolve¹. Mas à semelhança daquilo que acontece em todos os outros domínios da vida, as ideias e os processos mentais convocados para pensar a morte e agir perante a morte, erguem-se sobre universos sociais e culturais específicos.

As sociedades adoptam formas específicas de combate ao espectro da morte, accionando mecanismos sociais e simbólicos para que o horror da morte que habita em todo o homem não se transforme em terror colectivo e desagregador. A cultura constituiu, desde sempre, a tentativa de preencher o abismo que separa a vida da eternidade, a finitude da infinitude e a mortalidade da imortalidade. No fundo, a cultura sempre tentou que aqueles que se encontram do lado da mortalidade colocassem um pé do lado contrário: a ideia de que continuarão presentes pela eternidade é, para os mortais, de extrema importância. A morte é a linha de demarcação do social que separa os mortos dos vivos, a morte funda a representação simbólica do futuro. A morte advirá, apesar da ilusão dos vivos que se presumem vivos pelo afastamento a que votam os mortos, a morte triunfará, fazendo da vida um refluxo, uma sobrevivência determinada pela morte.

Mas os progressos da Humanidade e da Cultura são também, como mostra Baudrillard, a cadeia de discriminações sucessivas que marcam os outros de inumanidade, logo de nulidade. A definição de “humano” foi-se reduzindo ao longo da cultura: cada progresso “objectivo” da civilização em direcção ao universal correspondeu a uma discriminação cada vez mais estrita. Ao aprofundar a sua racionalidade, a

nossa cultura extraditou sucessivamente para o inumano a natureza inanimada, os animais, as raças inferiores. (Baudrillard, 1976). A exclusão dos loucos, dos pobres e das raças inferiores é contudo precedida por uma outra, mais radical e que lhes serve de modelo: a exclusão dos mortos e da morte. Das sociedades selvagens às sociedades modernas, a evolução foi irreversível: pouco a pouco os mortos deixaram de existir, tendo sido rejeitados para fora da circulação simbólica do grupo.

Os mortos não são seres completos, parceiros dignos de troca, pelo que se prescrevem crescentemente do grupo e dos vivos, da intimidade doméstica no cemitério. Primeiro são, rejeitados do centro para a periferia das cidades e das aldeias para, finalmente, serem remetidos para lado nenhum, como acontece nas cidades contemporâneas, onde já nada está previsto para os mortos, nem no espaço físico, nem no espaço mental (Baudrillard, 1976).

1.1 A privatização dos ritos e as novas formas de memória

Sendo o problema da morte essencialmente o problema da aniquilação, o problema da destruturação do sentido do “eu”, revela-se essencialmente como um problema que se encontra ligado à memória. Guardando os seus mortos, atribuindo-lhes sepulturas individuais e zelando pela sua memória, os indivíduos vivos impedem que aqueles que já não participam do movimento da vida, tenham o seu lugar reservado no espaço-tempo da memória. É por saber que vai morrer que o Homem não pode esquecer aqueles que já são mortos. Impedindo que os agora mortos desapareçam em absoluto por serem votados ao esquecimento, o vivo tenta impedir que um dia, sendo morto, os ainda vivos se esqueçam dele.

A definição Conteana de “Humanidade”, que integra não só os vivos, como os mortos e como aqueles que hão-de viver, revela-se integradora desta ideia. A consciência da certeza da sua morte dota o homem de uma ligação muito estreita com aqueles que, já tendo morrido, surgem perante os vivos como o lado oculto da Humanidade. A rememoração dos mortos parece fazer parte de um processo humano cujas raízes se encontram num passado civilizacional bastante remoto.ⁱⁱ Os registos pré-históricos e históricos revelam-nos que Homem de Cromagnon praticava rituais fúnebres. O problema da morte é, para o homem, o problema da imortalidade.

O século XX veio, contudo, concretizar muitas das mudanças que haviam sido iniciadas durante o século XIX, através da laicização e privatização das cerimónias e rituais fúnebres. Apesar da especificidade dos rituais fúnebres reflectirem, em certa medida, pertenças localizadas e poderem variar de acordo com os contextos comunitários (Goldey, 1985), a laicização da sociedade e a consequente desritualização da vida, a desmagicalização da existência e a propagação do racionalismo científico (enquanto forma de apreensão do mundo e da vida), levaram a uma transformação das cerimónias fúnebres e dos rituais de luto, que começam a ser cada vez mais privados. Na modernidade tardia, o discurso sobre a morte aparece fraccionado, uma vez que são os indivíduos que devem criar o seu próprio sentido em face da morte, bem como são os indivíduos que devem criar os seus próprios mecanismos reflexivos e recursos sócio-culturais para a construção da sua própria identidade e sentido. Neste contexto, a morte é particularmente perturbadora, uma vez que dota de uma sensação de irrealidade os projectos individuais e uma sensação de isolamento na presença da morte. O discurso religioso que nas sociedades tradicionais é utilizado como forma de atribuir significado à morte, dá lugar, nas sociedades modernas, ao discurso médico e na sociedade pós moderna ao privilégio da psicologia e autoridade do “self”.

Assumindo-se contrária à evocação do transcendente que a morte evoca, a matriz positivista das estruturas de pensamento do mundo moderno concorrem para o vazio contemporâneo de rituais fúnebres, apontado, por alguns teóricos, como o responsável pelo afastamento do indivíduo moderno face à morte. Mesmo o rito da visita cemiterial, acto essencialmente religioso, decorrendo num espaço de natureza sagrada, passou inclusivamente a constituir um culto com características privadas que, pautado por uma linguagem de recolhimento e de silêncio, encontrou na “visita” periódica aos cemitérios, o seu gesto público por excelência (Catroga, 1993 ; Goldey, 1985).

A partir do século XX, os padrões da normalidade começaram a definir que os mortos devem “descansar em paz”. As visitas aos cemitérios estão previstas mas devem ocorrer de forma esporádica, impondo-se, de igual modo, descrição no sofrimento. Manifestações excessivas de apego e lutos demasiado prolongados são olhadas com desconfiança, como se houvesse, da parte do enlutado um indesejável apego à ideia de morbidez (Pais, 2006).

Na contemporaneidade as manifestações de dor e de luto deixaram de obedecer a normas rituais rígidas, constituindo um universo que integra um variadíssimo leque de comportamentos e práticas de luto individuais, que encontram sentido no seio das lógicas e práticas individuais e não nos contextos sociais e comunitários de outrora. Entrados em desuso, os rituais antigos foram substituídos por novas e ideossincráticas formas de assinalar a morte e conservar a memória dos que morreram. De acordo com Walter (1991, pp.599-695), o facto dos enlutados terem perdido contacto com os rituais fúnebres, potencia o aparecimento de rituais espontâneos em situações em que manifestamente são necessários mas, não obstante, pouco mais existe do que o vazio).

A sociedade não sabe o que fazer com os mortos. Estar morto tornou-se uma anomalia impensável, um desvio irrecuperável. Já não há lugar nem espaço/tempo destinado aos mortos, os espaço que lhes eram destinados foram, primeiramente arrastados para fora do seio da comunidade para, finalmente, não haver, hoje, com o aumento exponencial das cremações, nenhum espaço físico que lhe seja destinado (Baudrillard, 1976, pp90).

2 Tecnologias da memória

Realidade insuperável pelo corte que impõe no presente e no futuro, a morte de alguém que confere sentido ao mundo e à existência do indivíduo tende a constituir uma destruturação do quotidiano e um abalo na percepção do futuro. A experiência da morte dos amigos e familiares enquanto “partida” definitiva do mundo da vida, coloca limites à inter-subjectividade que caracteriza esse mundo. A “partida” dos entes queridos esvazia “o mundo da vida”, isto é, esvazia o mundo da inter-subjectividade que lhe dá vida. A resistência em aceitar a morte do outro, em fazer o luto da morte do outro, é também a resistência em assumir que o mundo, tal como o indivíduo o conheceu, se transformou indelevelmente.

Com a morte daquele que confere sentido à vida e ao mundo, desagregam-se os alicerces de sentido da vida dos que lhe sobrevivem. Transportar a memória do ausente para o curso da vida impede, não só, a desagregação da sua memória e da sua dignidade enquanto Homem, como permite, aos que lhe sobrevivem, a ancoragem do sentido do presente através de elementos do passado. A rememoração dos mortos constitui, portanto, não só uma homenagem àquele que passou pelo mundo como consiste numa estratégia de manutenção da identidade do enlutado. As tecnologias da memória constituíram, desde sempre uma forma de imprimir no seio da vida, a presença daquele que já morreram.

Dos obeliscos às inscrições fúnebres na pedra, passando pela fotografia e, mais recentemente, pelas novas tecnologias digitais, constituem formas de impedir que a memória dos mortos se desagregue radicalmente. A esfera da ausência pode hoje ser interrompida não só pela imagem fotográfica do morto, como por via de uma panóplia tecnológica que de através do som, do movimento e da imagem, perpetua a ilusão da permanência deste no universo da vida.

A fotografia contém um enorme poder enquanto veículo de recordação dos mortos. Ao trazerem para o presente elementos de um passado impossível de recuperar, as fotografias dos mortos parecem permitir a recuperação do desencontro. Não é pois fenómeno estranho que do confronto com imagens que representam perdas irreparáveis surjam manifestas emoções de nostalgia. A capacidade de evocar um conjunto de memórias dotadas de sentido e não apenas meros fragmentos imagéticos, dotam a fotografia de uma capacidade de suscitar memórias de dilaceramentos, de rupturas, de abismos e distanciamentos, recordação do impossível, do que ficou e não retornará, memória, portanto, de perdas, de objectos desejados e

indesejados. Não constituindo a realidade mas sim uma representação fragmentada da realidade, a fotografia pode constituir um símbolo cuja importância se encontra numa dimensão que remete para além de si mesma.

Aquilo que não se pode ver ao vivo, quer pela rapidez com que passa, quer pela distância a que se encontra, pode ver-se numa imagem. Resgatando a realidade por via do sentimento nostálgico, a fotografia torna-se num objecto transaccional, isto é entre o que é subjectivo e o que é objectivamente percebido. O objecto transaccional elabora a ausência através de um processo de repetição ilusória, quase uma alucinação. O amor pela fotografia é o amor pelo ausente, é a luta contra os mistérios da ausência. A fotografia funciona como o substituto precário dos mortos que foram sendo banidos do quotidiano da modernidade. A ânsia de progresso que se instalou nas sociedades actuais funcionou também como forma de ludibriar e substituir a morte, sendo a fotografia um destes seus sucedâneos. A imagem fotográfica apresenta-se pois como expressão de vida depurada da morte que também a constitui (Barthes, pp.54).

De facto, muitos enlutados procuram nas fotos as marcas indeléveis da existência do ser desaparecido. Inscrita em papel, ou plasmada num écran de computador, a imagem torna-se matéria coisificada, restituindo aos presentes uma certa pacificação relativamente à ideia do desaparecimento perene. A maioria dos enlutados que utilizam o facebook como meio de rememoração dos seus mortos manifestam agrado quando uma terceira pessoa publica fotografias ou vídeos dos falecidos. Permitindo uma diferente apreensão do ser ausente através do movimento dos videos, bem como do registo do som da sua voz, as novas tecnologias potenciam a ilusão da existência daquele que já não existe, o que se coaduna com a ideia de hiper-realidade com que Baudrillard caracteriza a pós-modernidade. Não sendo já o real que interessa ao homem, aquilo que mais importa é a hiper-realidade ou simulação da realidade. Contra o nosso sonho de tudo perder, de tudo esquecer, elevamos uma memória artificial densa e inextricável e, como diz Baudrillard, 'enterramo-nos vivos lá dentro com a esperança fóssil de sermos um dia descobertos' (Baudrillard, 1976, pp.144).

A recuperação virtual da sua existência, o retorno da imagem, da voz, parece dissolver, de modo quimérico, a irreversibilidade que a morte comporta. À semelhança do que acontece com a imagem da fotografia, que é, no fundo, a cristalização de um fragmento da realidade (Sontag, 2003), as imagens que as novas tecnologias reproduzem do ser ausente, como que perpetuam a sua existência no espaço-tempo.

2.1 – A memória dos mortos no Facebook

Constituindo a Rede Social com maior número de utilizadores (no verão de 2011, o Facebook contava com mais de 700 milhões de utilizadores), o Facebook conta com 3 milhões e 839 mil utilizadores em Portugalⁱⁱⁱ, tendo o número de utilizadores portugueses crescido 8 vezes desde 1990 e o seu padrão de utilizadores sofrido alguma alteração. O impacto que as redes sociais têm tido na reconfiguração das práticas de comunicação contemporâneas, levou a que autores como Brian Carroll e Katie Landry (2010), tivessem estudado as práticas memoriais on-line, tendo concluído que o Facebook têm vindo a alterar o processo do luto.

Na verdade, a emergência deste tipo de redes sociais parece ter vindo potenciar as manifestações públicas referentes ao processo de luto e à memória dos mortos.

Ao longo do tempo os rituais de luto foram-se também alterando devido às mudanças operadas nas plataformas discursivas e nos meios de comunicação. Antes do aparecimento da imprensa escrita, as notícias dos falecimentos ficavam circunscritas à área física em que aconteciam ou à mercê de quem, deslocando-se, pudesse trazer novidades (as cantigas dos jograis constituíram, durante a idade média, a forma de circulação de notícias ocorridas em reinos distantes). Com o aparecimento da imprensa privada, os jornais tornaram-se na forma de eleição para anunciar os falecimentos e homenagear os mortos, através dos obituários, cujas formas e funções foram sendo reconfiguradas com as transformações das tecnologias da comunicação.

Com a rádio, a televisão e, presentemente, com a internet, os espaços físicos da recepção e o carácter da informação concedida, relativas à morte e ao morto, foram sofrendo transformações. As redes sociais e os sites constituem plataformas discursivas onde os vivos podem recordar os mortos e falar das suas vivências relativamente à perda e ao luto, transformando, assim, o potencial obtido entre o obituário e a informação. A

possibilidade recepção e de troca de informação sobre o falecido, altera de forma exponencial o processo da rememoração. Entrarmos no universo do Facebook pode significar, facilmente, o início de uma viagem virtual em que a separação entre os utilizadores que estão vivos e os falecidos não se encontra facilmente assinalada. É, portanto, relativamente simples ser-se adicionados ou adicionarmos às nossas redes de contacto, pessoas que apesar de continuarem virtualmente activas, já faleceram.

Não fazendo distinção entre vivos e mortos, isto é, não dispondo de nenhum espaço específico de homenagem ou agregação das páginas dos utilizadores falecidos, o Facebook apresenta-se como um facilitador da co-existência virtual entre vivos e mortos. Para que um perfil continue activo após a morte do seu utilizador, basta que alguém detenha a senha de acesso à conta de facebook do falecido. A partir do momento em que se consegue ter acesso a estes dados, o morto possa permanecer vivo no espaço virtual. A página de Tiago Alves é exemplo disso. Mantida pelo pai, desde a sua morte, em 2010, o mural de Tiago não só continua activo como revela actividade. Fazendo “Gosto” noutras páginas ou em comentários que são publicados na sua própria página, aceitando, novos contactos, a personagem virtual de Tiago continua viva.

A vida virtual de alguém que já morreu permite perpetuar, de forma inovadora, a ilusão da sua presença, o que parece vir dar um novo impulso à resistência da realização do luto. As novas tecnologias e, de forma muito específica, as redes sociais, como que prendem o outro à vida, incrustando-o nos dias que correm para lá da sua ausência.

É justamente no domínio que separa o real do virtual que as novas tecnologias parecem desempenhar o seu papel mais marcante. Constituindo um espaço fora do espaço, fundam o elemento ideal para a rememoração de um tempo que parece existir fora do tempo. O irrealizável da morte, o inalcançável das memórias associadas a alguém que já não existe, projecta a mente humana para domínios impenetráveis onde o real e o imaginário surgem entrelaçados. O factor dissolvente da morte transporta aquele que recorda para uma dimensão fantástica em que o presente não tem lugar.

A compreensão das novas tecnologias implica, de facto, uma particular atenção às dimensões psicológicas produzidas nos seus utilizadores. Enquanto símbolo de liberdade as novas tecnologias constituem também um sinal da capacidade que o homem tem para dominar o tempo e o espaço (Wolton, 1999, pp.77). E se as tecnologias da informação e da comunicação assumem um papel libertador face às amarras da comunicação, anunciando que cada um pode agir sem intermediário, sem filtro ou hierarquia, naquilo que diz respeito à comunicação com os mortos (ou em nome dos mortos), a liberdade é vivida através da experiência que consiste na desarrumação da escala normal do tempo.

2.2 A comunicação da morte

Um dos aspectos que o Facebook vem alterar refere-se à forma e local de publicitação da notícia de uma morte à comunidade. Não obedecendo a regras precisas nem necessitando de espaços específicos para ser anunciada, a notícia da morte de um utilizador do Facebook acontece na página do próprio ou de um familiar próximo, sendo dada de forma explícita, ou deduzida pelas mensagens que começam a ser publicadas na página do falecido ou dos familiares.

A morte de utilizadores com doenças prolongadas pode ser antecedida, durante um tempo mais ou menos longo, de informações do estado de saúde daquele que está doente. A comunicação da doença e dos contornos que a delinham é realizada pelo próprio ou por familiares – normalmente pais – que, pelo facto do doente ser uma criança ou pela degradação do estado de saúde daquele que usualmente escrevia na primeira pessoa, assume esse quase compromisso de conceder informações aos seus amigos e contactos, via Facebook. A actualização frequente sobre o estado clínico conduz à informação da morte quando esta sobrevém.

Ao contrário dos tradicionais anúncios nas secções de necrologia que, a partir do século XIX, começaram a ser publicados nos jornais, o facebook permite uma reacção imediata por parte de quem a lê. O receptor reage instantaneamente, comentando a notícia sem que pareça haver uma reflexão prévia sobre a mesma.

Associada à informalidade da internet - neste caso preciso, do facebook - a reacção imediata à notícia de uma morte revela-se, muitas vezes desadequada e sem recurso a qualquer forma cerimonial.

Apesar de mobilizar grandemente os utilizadores do facebook em torno de um ou dois murais, a dimensão virtual da morte parece reduzi-la a um simulacro, a um lampejo informacional que surge no écran de um utilizador a par de muitas outras informações. As reacções, distintas, parecem contudo, corresponder a padrões que variam, mediante a forma de expressão utilizada, entre a banalização do acontecimento, a anulação da morte através de uma espiritualidade cibernética que se apresenta como um antídoto contra o sofrimento, a sinalização do acontecimento e a reacção convencional ao mesmo – como se o computador apenas se substituísse aos telegramas de condolência – e a reacção construída, pensada, partindo daqueles que demonstram conhecer a dor da perda.

No que se refere às mensagens de condolências e de pesar, constata-se que a grande maioria das mensagens publicadas constituem uma amálgama de imagens copy-paste, uma espécie de “ruído”, semelhante ao burburinho que nas cerimónias fúnebres os presentes menos afectados pela ocorrência da morte, tendem a provocar. No facebook, o burburinho que irrompe o silêncio que a morte e a dor profunda impõem, reflecte-se no enorme número de publicações, que se limitam a reproduzir determinadas máximas de vida, através das quais o enlutado poderá ultrapassar o seu desgosto. A realidade do sofrimento pode facilmente esfumar-se numa sucessão de imagens em copy-paste (máximas de vida, anjinhos, velas, imagens de santos, orações) publicadas no mural do enlutado.

O dilema de escolher entre aquilo que se deve dizer, a obrigatoriedade da ponderação, a auscultação do recato, a procura da adequação, tendem a anular-se perante o écran. “As palavras da morte e da dor esbarram perante o outro, perante a presença do outro, perante o indizível que se interpõe na relação comunicacional”, diz Le Breton (1997, pp.329). Acontece que no mundo virtual, o outro que sofre e cujo sofrimento poderá impor o silêncio como forma adequada de estar presente, não é exactamente o outro mas sim o lampejo da sua imagem, um simulacro que não impõe a necessária transformação das palavras em gestos. Não permitindo uma presença silenciosa nos momentos da morte e do sofrimento que daí irrompe – uma vez que, na rede, o silêncio se plasma na ausência - a dimensão cemiterial do facebook alimenta-se, sobretudo, do ruído em redor dos que morrem e dos que sofrem.

A solução mecanizada de se reagir virtualmente à morte e que registam dois aspectos supostamente interligados que se impõe assinalar: se por um lado as mensagens de condolências e de pesar se apresentam sob formas múltiplas e plurais, o seu conteúdo, restringe-se essencialmente à tentativa de transformar a ausência do falecido numa omnipresença angelical e luminosa e à “injecção” de força virtual no enlutado. O não confronto físico com a morte e com o sofrimento do outro permite uma expressão suavizada do assunto. À excepção dos que, tendo passado por experiências semelhantes, vêm partilhar as suas experiências, de forma emocionada e, eventualmente, reflectida, tudo se passa como se a morte e o problema da finitude humana fosse um assunto absolutamente ligeiro e banal.

No facebook, a morte perde a sua dimensão solene e sagrada. Contudo, é a sua possibilidade de dinamização e partilha aquilo que mais interessa a quem se encontra de luto. A possibilidade de poder partilhar imagens, escrever e ler comentários sobre o falecido, dirigir-lhe palavras, dedicar-lhe espaço e tempo sem o olhar constrangido ou reprovador de qualquer interlocutor são os aspectos mais relevantes para quem utiliza esta plataforma como um espaço de recordação e de expressão de luto.

2.3 A imagem dos mortos na rede social

A fotografia contém um enorme poder enquanto veículo de recordação dos mortos. Ao trazerem para o presente elementos de um passado impossível de recuperar, as fotografias dos mortos parecem permitir a recuperação do desencontro. Não é pois fenómeno estranho que do confronto com imagens que representam perdas irreparáveis surjam manifestas emoções de nostalgia. A capacidade de evocar um conjunto de memórias dotadas de sentido e não apenas meros fragmentos imagéticos, dotam a fotografia de uma capacidade de suscitar memórias de dilaceramentos, de rupturas, de abismos e distanciamentos, recordação

do impossível, do que ficou e não retornará, memória, portanto, de perdas, de objectos desejados e indesejados. Não constituindo a realidade mas sim uma representação fragmentada da realidade, a fotografia pode constituir um símbolo cuja importância se encontra numa dimensão que remete para além de si mesma.

Aquilo que não se pode ver ao vivo, quer pela rapidez com que passa, quer pela distância a que se encontra, pode ver-se numa imagem. Resgatando a realidade por via do sentimento nostálgico, a fotografia torna-se num objecto transaccional, isto é entre o que é subjectivo e o que é objectivamente percebido. O objecto transaccional elabora a ausência através de um processo de repetição ilusória, quase uma alucinação. O amor pela fotografia é o amor pelo ausente, é a luta contra os mistérios da ausência. A fotografia funciona como o substituto precário dos mortos que foram sendo banidos do quotidiano da modernidade. A ânsia de progresso que se instalou nas sociedades actuais funcionou também como forma de ludibriar e substituir a morte, sendo a fotografia um destes seus sucedâneos. A imagem fotográfica apresenta-se pois como expressão de vida depurada da morte que também a constitui (Barthes, 1998, pp.54).

De facto, muitos enlutados procuram nas fotos as marcas indeléveis da existência do ser desaparecido. Inscrita em papel, ou plasmada num écran de computador, a imagem torna-se matéria coisificada, restituindo aos presentes uma certa pacificação relativamente à ideia do desaparecimento perene. A maioria dos enlutados que utilizam o facebook como meio de rememoração dos seus mortos manifestam agrado quando uma terceira pessoa publica fotografias ou vídeos dos falecidos. Permitindo uma diferente apreensão do ser ausente através do movimento dos vídeos, bem como do registo do som da sua voz, as novas tecnologias potenciam a ilusão da existência daquele que já não existe, o que se coaduna com a ideia de hiper-realidade com que Baudrillard caracteriza a pós-modernidade. Não sendo já o real que interessa ao homem, aquilo que mais importa é a hiper-realidade ou simulação da realidade. Contra o nosso sonho de tudo perder, de tudo esquecer, elevamos uma memória artificial densa e inextricável e, como diz Baudrillard, 'enterramo-nos vivos lá dentro com a esperança fóssil de sermos um dia descobertos' (Baudrillard, 1976, pp.144).

Dissolvidos em cinzas tantas vezes lançadas pelo espaço ou jazendo em espaços cemiteriais que quase ninguém visita, os mortos de hoje são encerrados nas tecnologias da memórias que permitem uma nova forma de recuperação do passado. A negação da morte coexiste com a permanência do morto nos novos instrumentos de memória que, cristalizando o tempo da experiência, o tornam possível de recuperar. O filme doméstico e o vídeo jogam um papel predominante nesta nova recuperação do passado. A parafrenália de meios de rememoração visual e sonora que as sociedades contemporâneas dispõem, permite uma incorporação do passado no presente de uma forma totalmente transformadora. Publicadas e partilhadas na internet, como acontece massificadamente no facebook, as imagens do morto, em fotografia digital ou em vídeo, permitem que, ao invés de se encontrarem em local próprio e delimitado na vida dos vivos, num espaço territorial circunscrito e delimitado, não sendo já objecto de trocas simbólicas com os vivos, os mortos se encontram, de forma anárquica e ilimitada, por todo o lado. No facebook, vivos e mortos partilham, de forma idêntica o mesmo espaço, numa coexistência de tal forma igualitária que a realidade e o seu espectro se tornam indistinguíveis. Em cinzas, os mortos podem encontrar-se em qualquer lugar ou em lugar nenhum: simplesmente volatilizam-se. Como refere Baudrillard (1976), já não existe nenhuma utopia onde os possamos encontrar. Sem residência fixa, os mortos existem por aí, em qualquer lado, em todo o lado.

Bibliografia

Baudrillard, Jean (1976). A Troca Simbólica e a MorteII.(Col.) Arte e comunicação, Lisboa: Edições 70.

Barthes, Roland (1998). A câmara Clara. Lisboa: Edições 70.

Piaget Carroll, Brien & Katie Landry (2010). Logging Out: Using online networks to grieve and to mourn. Bulletin of Science, Technology & Society. October 2010 (pp341-349). Sage Publications, 30.

Catoga, Fernando (1999). O Céu da Memória. Cemitério Romântico e o Culto Cívico dos Mortos.

Coimbra:Minerva.

Goldey, Patrícia (1983 [1980]). A Boa Morte: Salvação Pessoal e Identidade Comunitária. in Hermínio Martins, João Pina Cabral & Rui Feijó (Org). A Morte no Portugal Contemporâneo. Conhecer Portugal Lisboa: Querco, 4.

Le Breton, David (1997). Do Silêncio. (Col). Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget

Pais, José Machado (2006). Nos Rastos da Solidão. Lisboa: Minerva.

Walter, Tony (1994). The Revival of Death. New York: Routledge.

Sontag, Susan (2007). Al Mesmo Tiempo. Barcelona: Mondadorie.

Wolton, Dominique (1999). Pensar a Comunicação. Difel.

Sontag, Susan (2007). Al Mesmo Tiempo. Barcelona: Mondadorie

Carroll, Brien & Katie Landry (2010). Logging Out: Using online networks to grieve and to mourn. Bulletin of Science, Technology & Society. October 2010 (pp341-349). Sage Publications, 30

ⁱ George Simmel em “ A Metafísica da Morte” (S/Ref.)

ⁱⁱ Os registos pré-históricos e históricos revelam-nos que Homem de Cromagnon praticava rituais fúnebres.

ⁱⁱⁱ Dados da Marktest correspondentes ao final e 2011